

UM OLHAR SOBRE O TOD NO AMBIENTE ESCOLAR: O que vem a ser o Transtorno Opositor Desafiador?



PEREIRA, Ana Julia Ciotti;
RAMOS, Ana Flávia Silva.
CONDE, Patricia Peluso- ORIENTADORA.



PEDAGOGIA

INTRODUÇÃO

Desde os tempos antigos, os indivíduos que apresentam diferenças muito acentuadas em relação à maior parte da população tornam-se foco de violência simbólica. No passado, pessoas com deficiências tinham somente dois caminhos a serem seguidos: ou eram mortas pelos outros por serem consideradas um obstáculo para o grupo, ou outras pessoas cuidariam delas com o objetivo de obter gratidão e simpatia dos deuses (BECHTOLD; WEISS, 2005 *apud* ZEITUNE *et al*, 2015).

Hoje, inúmeros estudos são realizados sobre as diferentes deficiências presentes nos indivíduos, sejam elas físicas, mentais, sensoriais ou múltiplas, além dos transtornos de desenvolvimento. Sabe-se que existem diversos transtornos que influenciam no comportamento humano tais como transtorno de déficit de atenção (TDA), transtorno de déficit de atenção/ hiperatividade (TDAH), transtorno desafiante de oposição (TOD), transtorno de personalidade antissocial (TPAS), dentre outros.

Esses transtornos têm alta prevalência em crianças em sua fase escolar e atualmente o TDAH é reconhecido como uma condição importante, não só pela sua alta prevalência de comorbidades, mas também por seu impacto funcional. Até pouco tempo, porém, comumente a criança era analisada por um médico não-especialista, que tinha como base as queixas de pais ou professores sobre a hiperatividade, concluindo que seriam sintomas da puberdade (SOUZA, 2007).

Por serem mais facilmente identificados, o TDA e o TDAH fazem com que os outros transtornos sejam menos conhecidos popularmente, porém a educação vem se empenhando para encontrar meios de lidar com todos eles, visando a que os alunos consigam ser incluídos no processo de aprendizagem e não se sintam discriminados, podendo, assim, compreender e assimilar os conteúdos ministrados objetivando a sua formação integral.

O TDAH, segundo a Organização Mundial de Saúde, atinge cerca de 4% da população adulta mundial, e cerca de 2 milhões de pessoas no Brasil (FOLHA DE VITÓRIA, 2019). Esse transtorno ocasiona o surgimento de comorbidades, como o transtorno opositor desafiador (TOD), que geralmente ocorre durante a infância e é caracterizado por comportamentos de raiva, agressividade, vingança, desafio, provocação, desobediência ou ressentimento. O TOD é uma condição que afeta o comportamento da criança, ocasionando acessos de raiva, indisciplina, e sentimento de irritabilidade. A relação com uma criança com este transtorno requer muita cautela e paciência.

O objetivo desse estudo é pesquisar sobre o transtorno opositor desafiador e, para isso, busca-se saber como a sociedade e as escolas lidam com o transtorno opositor desafiador no dia-a-dia. Diante disso, questiona-se: como as escolas coordenam o processo educacional de crianças com o transtorno opositor desafiador (TOD)?

METODOLOGIA

Esta é uma pesquisa básica e bibliográfica, que busca analisar os hábitos da escola ao lidar com o transtorno opositor desafiador (TOD). A pesquisa pode ser classificada como básica, a qual, segundo Gil (2010), é utilizada somente à ampliação do conhecimento. É também uma pesquisa bibliográfica porque utiliza como fonte outras pesquisas, livros e artigos científicos. Fachim (2010) refere-se à pesquisa bibliográfica como sendo a mais importante no trajeto da pesquisa, eis que constitui o ato de ler, selecionar, fichar, organizar, compreender. A pesquisa é também qualitativa, visto que não se utiliza de números para análise de suas variáveis (JACOBSEN, 2009).

Para a obtenção dos dados, será aplicado um questionário buscando esclarecer o problema de pesquisa. O questionário, segundo Gil (1999, p. 128), pode ser definido “como a técnica de investigação composta por um número mais ou menos elevado de questões apresentadas por escrito às pessoas, tendo por objetivo o conhecimento de opiniões, crenças, sentimentos, interesses, expectativas, situações vivenciadas etc.”. O questionário será realizado no *Google Forms* e enviado a duas escolas, uma pública e uma privada, da cidade de Ubá, MG.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Este estudo visa questionar a inclusão de crianças portadoras de TOD no sistema regular de ensino. É uma pesquisa básica e bibliográfica e, para a obtenção de dados, foi aplicado um questionário em duas escolas: uma pública localizada em Guarani, MG e uma privada, situada em Ubá, MG, assim obtendo duas visões sobre o assunto. O questionário foi elaborado a partir de dúvidas e problematizações as quais este artigo tem a finalidade de sanar. Para que a pesquisa pudesse ser realizada, foi necessário saber se havia algum aluno com Transtorno Opositor Desafiador (TOD) nas referidas instituições de ensino e, após a confirmação, o questionário foi aplicado.

Foi perguntado às escolas se têm ou já tiveram alunos com Transtorno Opositor Desafiador e se houve ajuda da escola para descobrir o diagnóstico. Nas duas escolas houve casos e foram descobertos pela própria escola. Após muita observação e conversa com a equipe pedagógica, juntamente com a família, foi solicitado o encaminhamento da criança a um profissional de saúde responsável por um diagnóstico.

Em seguida, foi questionado se existe alguma atividade específica para aluno com TOD, se seu comportamento interfere no dos outros alunos e, em caso afirmativo, de qual maneira isso acontece. Segundo a equipe pedagógica da escola municipal, por enquanto não há atividades específicas, somente o apoio dado pela prefeitura em contraturno através do Atendimento Educacional Especializado (AEE). O comportamento varia de permanecer disperso a provocar medo nos alunos. De acordo com a escola privada, o TOD não torna necessária adequação de currículo e há somente um trabalho de reforço positivo dos profissionais que acompanha a criança. Em relação a interferir com os outros alunos a escola declarou que existe, sim, interferência na conduta dos alunos, e eles esperam uma reação dos profissionais a cada ação da criança com TOD. Assim, percebe-se que os alunos testam para verificar se com eles a escola agiria da mesma forma, porém faz-se necessário uma atenção especial devido ao transtorno apresentado pela criança.

Foi questionado sobre a existência de dificuldades em inserir alunos com esse transtorno e se houve casos de bullying ou rejeição, e, em caso afirmativo, quais providências as instituições tomaram. Em ambas não foram relatadas dificuldades em receber esses alunos, nem casos de bullying. Ao contrário disso, os colegas se preocuparam, na maior parte das vezes, com os indivíduos.

Em seguida, foi perguntado às entrevistadas se tinham conhecimento de como agir em relação aos alunos com TOD e qual o processo de intervenção realizado. Na escola pública, não há uma intervenção específica, mas a conversa com a família é essencial além da indicação para o tratamento psicológico. Já na escola privada, a princípio foi observado o aluno em diversos contextos oferecidos pelo ambiente escolar e, ao serem identificados pontos comuns com o TOD, foi solicitada uma reunião com a família e sugerida ajuda de um profissional de saúde. No que diz a respeito à melhora após a realização de intervenções com esses alunos, houve melhoras até mesmo com as famílias.

Desta maneira, percebe-se que as equipes pedagógicas têm a capacidade de observar, reconhecer traços do TOD e buscar, em conjunto com a família, apoio médico para um diagnóstico que contribua para o desenvolvimento da criança. As instituições procuram se adaptar às necessidades dos alunos com o Transtorno Opositor Desafiador e encontrar maneiras de ajudá-los.

CONCLUSÃO

Este trabalho tem como o objetivo analisar a maneira como as escolas trabalham e intervêm com os alunos diagnosticados com Transtorno Opositor Desafiador. Foi aplicado um questionário em uma escola da rede municipal e outra da rede privada, visando discutir as intervenções e a inclusão realizada pelas instituições em relação a esses alunos.

Conclui-se que ambas escolas buscam suprir as necessidades dos alunos de forma geral, para que não haja divisão ou exclusão de nenhum indivíduo. É de grande necessidade que o professor saiba lidar com diversas situações que podem ocorrer dentro da sala de aula, por conta do comportamento de crianças portadoras desse transtorno.

REFERÊNCIAS

- APA – Apsychiatric Association. **Manual Diagnóstico de transtornos mentais – DSM – 5**. Porto Alegre: Artmed, 2014
- BALLONE G.J. A família faz mal à Saúde? – in **Psiquweb Psiquiatria Geral**, Internet, atualizado em 2002.
- COSTA, Emanuelle Lourenço; SOUZA, Jane Rose Silva. Família e escola: as contribuições da participação dos responsáveis na educação infantil. **Khóra: Revista Transdisciplinar**, v. 6, n. 7, 2019.
- DOS SANTOS, Edson Luiz Nascimento; LEITE, Felipe Lustosa. A distinção entre reforçamentos positivo e negativo em livros de ensino de análise do comportamento. **Perspectivas em análise do comportamento**, v. 4, n. 1, p. 9-18, 2013.
- DSM – IV. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais**. (Trad.) Dayse Batista. 4a ed., Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 2000.
- NUNES, Maura Marques de Souza e WERLANG, Blanca Susana Guevara. **Transtorno de déficit de atenção/hiperatividade e transtorno de conduta: aspectos familiares e escolares**. 2008
- Teixeira, G. **O Reizinho da Casa**, Editora Best Seller, 2014.
- SILVA *et al*. **Processo ensino-aprendizagem e transtorno de conduta: um diálogo possível**.
- SOUZA, Maria Ester do Prado. **Família/escola: a importância dessa relação no desempenho escolar**. Programa de Desenvolvimento Educacional (PDE). Paraná, 2009.